

5. O valor das nossas tradições

É bonito e confortante ver como Jesus, que é em pessoa a palavra-fonte de Deus, a fonte da Luz de Deus, consegue perfurar, enquanto fonte, as tradições fechadas e que aprisionam. Pode-se ler assim, por exemplo, os encontros e diálogos de Jesus com a Samaritana (cf. Jo 4,7-26) ou com Nicodemos (cf. Jo 3,1-21). Mas em todo o Evangelho, o anúncio de Jesus visa unicamente revelar que a única tradição que Ele veio transmitir e que nos pede para transmitir, é a sua missão de Salvação para o mundo, que tem a sua fonte eterna e seu cumprimento no Deus que é amor.

A conversão de Paulo consiste apenas em encarnar durante toda a sua vida, através de toda a sua pessoa, através de todos os seus talentos e suas fraquezas, também através da sua morte, a transmissão ao mundo da missão de Salvação do Filho de Deus.

Ao longo de sua vida, Paulo vigiará com a máxima atenção, de modo que entre os cristãos não reapareçam tradições farisaicas ou pagãs, que se oponham à transmissão de Cristo ou possam torná-la vã. Escreve, por exemplo, aos Colossenses: "Como (de nossa pregação) recebestes o Senhor Jesus Cristo, vivei nele, enraizados e edificados nele, inabaláveis na fé em que fostes instruídos, com o coração a transbordar de gratidão! Estai de sobreaviso, para que ninguém vos engane com filosofias e vãos sofismas baseados nas tradições humanas, nos rudimentos do mundo, em vez de Cristo" (Cl 2, 6-8).

Para ele e para a Igreja, existe apenas um critério para discernir as tradições, costumes, ritos, crenças, observâncias, e tudo aquilo que pode ser transmitido: se tudo permite ou impede a transmissão do Cristo vivo, enviado pelo Pai para salvar o mundo.

A verdadeira tradição deve permanecer uma verdadeira trans-missão, mas não da nossa missão, ou da missão deste ou daquele profeta de moda, mas da missão de Jesus Cristo, enviado pelo Pai, não "para julgar o mundo, mas para que o mundo se salve por meio Dele" (Jo 3,17).

Não podemos viver nossa transmissão monástica, não podemos examiná-la e, acima de tudo reavivá-la, se não retornando à transmissão da missão de Jesus, missão em ação, na qual Jesus, pelo Espírito Santo, continua a sua vinda no mundo, como enviado pelo Pai para salvá-lo.

Este fundamento da nossa vocação sobre a missão salvífica de Cristo nos ajuda a compreender o valor profundo e vivo de nossas tradições; das nossas tradições verdadeiramente autênticas, não daquelas que são apenas ornamentos externos. De fato, todas as nossas tradições mais verdadeiras, aquelas que não perdem sua importância, ou que não deveriam perder, se enraízam na missão salvífica de Jesus. Isto significa que estas tradições não só estão ligadas a vida de Cristo, mas nos transmitem a sua Salvação e nos permite transmiti-la ao mundo.

Tomemos, o exemplo, talvez, mais forte: a obediência, um dos valores, virtudes e votos mais tradicionais da vida monástica, mesmo que seja difícil transmitir para as novas gerações. Qual foi a obediência de Jesus? Para Ele, a obediência consistia em

deixa-se enviar pelo Pai para salvar o mundo. Sem a obediência de Cristo, não teria salvação para o mundo, salvação para nós.

Isto significa que a nossa participação na obediência de Cristo "até a morte e morte de cruz" (Fp 2,8) nos dá a oportunidade de participar da missão salvadora do Filho de Deus, que nos salva e salva o mundo inteiro. A obediência religiosa e monástica tem esse valor profundo e universal. É a transmissão da salvação em Cristo. Se vivemos esta dimensão, cada ato de obediência que nos é solicitado, dá ao menor detalhe da vida cotidiana um valor absoluto, que é um valor de amor, porque não há amor maior que acolher e transmitir a Salvação do mundo.

São Bento, na escola do hino da carta aos Filipenses 2,6-11, tinha este sentido da obediência e tenta transmiti-lo para nós. Sabe que a obediência cristã coincide com a humildade, que consiste no conjugar a humildade em todos os instantes e circunstâncias da vida. Aqui devemos percorrer os capítulos 5 e 7 da Regra, mas também todos os outros capítulos, à luz deste desejo de participação na missão salvífica de Cristo, que é um desejo de transmissão.

Limito-me a citar o segundo degrau da humildade em que o monge, "não amando a sua vontade, não encontra prazer na satisfação de seus próprios desejos, mas imita o Senhor, colocando em prática aquela palavra que diz: "Não vim para fazer a minha vontade, mas a vontade Daquele que me enviou"" (RB 7,31-32; cf. Jo 6,38).

Compreendemos que o modelo da obediência beneditina não é apenas a obediência de Jesus, mas *a obediência dentro da missão de Jesus*.

Isto muda tudo, tudo mudaria se fôssemos conscientes. Esta consciência nos permitiria viver a obediência em uma dimensão de transmissão e de transmissão não de um valor, de uma virtude, exemplo e disciplina, mas da Salvação universal, através e em Cristo Jesus.

Tomei o exemplo da obediência, mas este valor profundo e vivo de nossas tradições e observâncias aplica-se a tudo, cada aspecto de nossa vida e nossa vocação. Isto aplica-se a pobreza, vida fraterna, oração, silêncio, trabalho e o modo como somos convidados a viver no mosteiro todos os aspectos da nossa humanidade: a doença, por exemplo, ou a responsabilidade, o pecado e perdão, etc. Somos convidados a viver aderindo à missão salvífica de Cristo, que coincide com a transmissão da sua Pessoa pelo Pai ao mundo.

Não deveríamos procurar outro valor da nossa tradição, de nossas tradições, que não se funde explicitamente na missão do Filho de Deus Salvador. Sobretudo diante da dificuldade de transmitir nossa vocação aos jovens, corremos o risco de querer dar outros valores a nossa tradição, outras justificativas e fundamentos, certamente belos e nobres, mas que podem nos fazer esquecer, como acontece muitas vezes, que o único sentido da nossa vocação é o Filho de Deus, que deixou-se enviar ao mundo para salvar todos os homens, todos os pecadores, começando por nós, como diria São Paulo (cf. 1 Tm 1,15).